

Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede

Shirley Donizete Prado

Ligia Amparo-Santos

Luisa Ferreira da Silva

Mabel Gracia Arnaiz

Maria Lucia Magalhães Bosi

Estudos socioculturais em alimentação e saúde

Esta coletânea corresponde ao quinto volume da série Sabor Metrôpole, espaço que identificamos como aberto a expressões do pensamento quando se voltam às relações sociais construídas em torno de discursos e práticas alimentares e corporais, tendo a saúde por horizonte último; espaço para reflexões sobre a comunicação quando se dirige à comida e ao corpo, compreendidos na cultura, na sociedade e na história; páginas para receber o olhar atento à produção, necessariamente implicada, de conhecimentos e saberes, socialmente posicionada diante do mundo globalizado e organizada em função do acúmulo de capital material e simbólico.

Esta é uma coletânea de estudos. São textos que derivam de diversas pesquisas realizadas por docentes, estudantes e profissionais de variadas formações que trabalham em grupos de pesquisa e programas de pós-graduação *stricto sensu*. Uma perspectiva que se abre às investigações situadas para além dos limites dos campos disciplinares, mirando aqueles lugares em que também eles se encontram, propiciando um possível entrelaçamento de abordagens conceituais e metodológicas. Viabiliza, assim, a divulgação de ensaios e de esforços de aproximação ao empírico que buscam, mais que dizer quais

práticas estão certas ou erradas, o conhecimento da grande parcela que permanece desconhecida quando se tomam comida e corpo como constructo que nos conferem humanidade.

E, por estarem voltados àquilo que nos confere humanidade, são estudos socioculturais. Consideramos, aqui, as referências presentes em Michel Foucault quando aborda a constituição das ciências humanas. E, por meio desse trilhar, os trabalhos que conformam este livro dizem respeito à organização do *trabalho* na produção de bens e serviços e na distribuição das riquezas; referem-se à *linguagem* no registro e na transmissão do conhecimento e saberes; e correspondem a *representações*, símbolos e valores. Aqui reside o que permite estabelecer a distinção entre o animal biológico e o ser social, cultural e subjetivo. Hoje, nas ciências da vida, é notável constatar como a biomedicina reina hegemônica, destacando os nutrientes e as funcionalidades celulares, tanto na doença quanto em sua prevenção. Buscamos aqui considerar o desejo, a ética, os valores, a justiça e os projetos de felicidade em questão; nesses lugares é que buscamos ecoar vozes que apontam para a complexidade da vida, como nos diz Edgar Morin. Essas sonoridades, ainda um tanto dispersas e fragmentadas, representam uma materialidade resistente ao trançar sua delicadeza ou, conforme assinala Clifford Geertz, tal como fios de uma teia, de uma rede de significados que todos nós tecemos e na qual todos nós estamos irremediavelmente prisioneiros, ao mesmo tempo que sonhamos com ela e construímos a materialidade e a utopia da liberdade e da realização humana.

O escopo de abordagens que moldam os estudos ora apresentados pode ser tido como ponto marcante para nós dessa rede de produção de saberes, que se vai delineando em processo contínuo. Nesse proceder, a reflexão crítica sobre a lida científica e a “problematização de temas que envolvem ciência e saúde, sobretudo aqueles focalizados pelas ciências biológicas, que tomam ‘a saúde’ como objeto, com particular atenção às questões ligadas ao corpo” (ver p. 17), têm lugar de destaque, de sinal indicador, para as perspectivas que balizam o conjunto dos objetos e interesses aqui em exame.

A reflexão teórica acerca das práticas alimentares contemporâneas, considerando-se a reflexividade no cotidiano microsocial, articula-se com estudos empíricos que revelam a complexidade das ações humanas e dos agentes em relação. Nessa linha da abordagem conceitual, as relações recíprocas que se estabelecem nos cenários urbano e rural no Brasil são problematizadas e seguidas de esforços no sentido de “evidenciar alguns aspectos da exclusão social gerada

pelo crescimento econômico produzido pelo capitalismo global, tratando, em especial, da expansão do agronegócio e das consequências da exclusão social que o trabalhador do campo sofre, seja ele jovem ou adulto, que, uma vez expulso do campo pelas novas tecnologias e métodos extensivos de produção, torna-se mão de obra barata e desqualificada nos grandes centros urbanos, além de presa fácil para os interesses do capital em suas redes de poder, que são extensas, capilarizadas e disseminadas nos diferentes espaços da vida social” (ver p. 82).

Num olhar dirigido aos espaços mais locais, registramos o caminho que se segue, no sentido de analisar as relações entre o entorno alimentar e a estrutura social em um bairro socioeconômico médio-baixo, descrevendo elementos-chave na vida de seus habitantes espanhóis. E, numa perspectiva histórica, se a constituição de um estabelecimento comercial em suas relações cotidianas de consumo alimentar no Rio de Janeiro antigo é o cenário que permite vislumbrar a conformação de uma prática singular, como, por exemplo, tomar um cafezinho, o que dizer sobre tudo o mais, banalidades imperceptíveis que dizem densamente sobre quem nós somos e como se organiza a vida em sociedade? Que mundo imenso se abre diante de nós quando pensamos que há todo esse conhecimento a ser estudado! Voltando aos dias atuais – em suas infinitas opções mercadológicas rapidamente acessíveis pela Internet –, registramos a análise da dieta paleolítica ou simplesmente “paleo”, discutida a partir de relatos de seus praticantes disponíveis nas redes sociais. Nessa linha e considerando outro ponto de vista, o debate sobre o papel, tido como deletério, do consumo de carne para a vida e para o futuro do planeta, traz reflexões de um espírito dos tempos marcado por algo como “politeísmo de valores”, que se expressa na forma de “verdadeiro combate, em que, de um lado, vemos se afrontarem os deuses do sangue e da carne e, de outro, os deuses da compaixão e do ascetismo benevolente” (ver pp. 193-194).

Práticas corporais ganham expressão analítica, consideradas pelo ângulo do sofrimento imbricado com idealizações de magreza e perfeição. Os custos sociais da busca pelo corpo delgado, o risco de engordar, a estigmatização da gordura e os discursos sobre os chamados transtornos alimentares são alguns dos temas que aproximam pesquisadores mexicanos, espanhóis e brasileiros em investigações e ensaios que levam em conta fundamentos teóricos e metodológicos próprios da antropologia e, em particular, da psicanálise.

Por fim, os olhares se voltam para os serviços e cuidados no campo da saúde e da educação, para os agentes que aí transitam e cumprem suas

atividades laborais, para os educandos, crianças, pacientes, surdos, doentes mentais, pobres, enfim, para esse mundo de práticas preventivas e curativas, lugares de tratamentos em que os resultados operacionais muitas vezes estão acima das pessoas, dos sujeitos da ação, sejam profissionais ou usuários. Muitas das práticas educativas e em saúde que estão em curso e buscam boa alimentação e corpo saudável são louváveis, “mas isso não quer dizer que não devemos considerar o disciplinamento e o controle social que são produzidos e impostos em nome da saúde” (ver p. 491). Por último, fica o registro para se valorizar a pluralidade na abordagem dos problemas associados à alimentação, ao corpo e à saúde como caminho para se aprofundarem esses fenômenos na sociedade contemporânea – pluralidade dinâmica, na qual se enredam objetos, metodologias, teorias, agentes e interesses permanentemente em (re)construção.

Saberes em rede

Essa teia de saberes, aqui, encontra-se expressa pela articulação entre estudiosos, grupos de pesquisa e programas de formação de mestres e doutores que trabalham para ampliar e fortalecer a Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade (REDE NAUS).

A REDE NAUS, responsável pela organização desta coletânea, foi constituída em 16 de novembro de 2013, em uma oficina realizada durante o VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, organizado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Nesse momento, definiu-se seu nome: Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade, organização que reúne instituições acadêmicas da América Latina, de Portugal e da Espanha interessadas no desenvolvimento de pesquisas sobre alimentação e cultura.

A ideia de denominar esse corpo social de REDE NAUS veio algum tempo depois, em busca de lhe conferir o caráter de navegação como troca solidária de conhecimentos e saberes principalmente pela Internet. Um canal dinâmico de comunicação entre pesquisadores, estudantes e profissionais dos países latino-americanos e ibéricos. Uma via pela qual fluem conhecimentos e saberes em todos os sentidos, em cooperação e liberdade de criação.

A iniciativa pareceu oportuna a seus primeiros integrantes, em face da visão compartilhada e crítica da ciência e do fazer científico; da pesquisa

qualitativa como práxis na formação de pesquisadores, produção de conhecimentos e saberes e, também, como movimento que opera no sentido de se construir uma ciência comprometida com valores éticos e justiça social; da necessidade de se fortalecer a pesquisa qualitativa e de se internacionalizar a geração de conhecimento; e da percepção de um cenário complexo em suas possibilidades e adversidades na produção de conhecimentos e saberes no campo das ciências humanas.

Naquele momento, foram definidos como objetivos da REDE NAUS: desenvolver pesquisas qualitativas em parcerias institucionais; investir em publicações interinstitucionais; organizar eventos; fortalecer a comunicação acadêmica; colaborar em atividades relativas à popularização da ciência; e constituir um ator social coletivo, um agente com atuação junto às instituições de fomento à pesquisa e à formação de pesquisadores, além de outras entidades ligadas ao mundo da ciência.

Durante o VI Congreso Iberoamericano de Investigación Cualitativa en Salud, realizado em 2014, na cidade de Medellín, Colômbia, e depois, em 2015, na Primeira Conferência Internacional de Antropologia, em Madri, Espanha, houve outras reuniões em que, em termos operacionais mais imediatos, definimos, como atividades prioritárias, a criação de uma página na Internet como espaço de referência, hoje disponível no endereço www.redenaus.com; a criação de uma lista de discussões que nos permitisse divulgar eventos, publicações e outras iniciativas de interesse comum, já ativa no formato de noticiário semanal e contando com centenas de inscritos; e a publicação coordenada de estudos, o que se materializa nesta coletânea da série Sabor Metrôpole.

A REDE NAUS é coordenada pelas pesquisadoras que organizam esta publicação e que compõem o Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (nectar-pesquisa.com.br), o Laboratório de Avaliação e Pesquisa Qualitativa em Saúde (LAPQS) do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil (lapqs.ufc.br), o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Alimentação e Cultura (NEPAC) da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil (www.nepac.nut.ufba.br), o Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal (iscsp.utl.pt), e o Medical An-

thropology Research Center (MARC) da Universidade Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha (www.marc.urv.cat).

Novos parceiros institucionais vão-se delineando, com a efetiva participação na REDE NAUS, como é o caso dos autores que responderam à chamada para publicação nesta coletânea. Chegaram algumas dezenas de trabalhos; destes, após rigorosa avaliação, 22 foram selecionados para compor este volume. Participam desta publicação estudiosos oriundos de 23 instituições, nove delas sediadas em Portugal, Espanha, México e França, e as demais distribuídas por diversos estados brasileiros, com absoluta predominância das universidades públicas. Esperamos poder contar, em breve, com vários desses grupos de pesquisa que compõem formalmente a REDE NAUS, nesse novo importante passo rumo à sua ampliação e consolidação.

Não podemos deixar de registrar a disponibilidade do NECTAR e do Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (Laccon), vinculado à Faculdade de Comunicação Social da UERJ, responsáveis pela organização da Série Sabor Metrópole. São posicionamentos solidários assim que valorizam e fortalecem iniciativas como a REDE NAUS.

Esta coletânea há de se constituir um marco fundante das atividades da REDE NAUS. Outras publicações virão e contamos com a participação de mais pesquisadores, instituições e países nesse devir.